

Editorial

Revista Brasileira de Psicanálise
volume 50, n.3, p. 11-15 · 2016

Em 1883, o jovem Freud escreve à sua então noiva Martha Bernays:

Um fracasso em uma investigação estimula a criatividade. Cria um livre fluxo de associações, faz surgir uma ideia atrás de outra, ao passo que, uma vez assumido o êxito, aparece com ele um estreitamento e torpor mental que obriga a retroceder ao estabelecido e impede uma nova combinação. (Caparrós, 1997, p. 309)

Poucos anos depois, ele se desconcerta com as ideias de Charcot, em Salpêtrière. No prefácio à tradução das *Conferências sobre as doenças do sistema nervoso*, ele afirma que só pôde se dedicar a esta tarefa “após superar minha perplexidade inicial diante das novas descobertas de Charcot, e depois que aprendi a avaliar a sua grande importância” (Freud, 1886/1969, p. 53).

Uma atitude adotada por Freud por toda a sua vida, e que o fez ultrapassar os limites do conhecimento do ser humano. Ao surpreender-se com aquilo que escapa ao estabelecido, como os lapsos de memória, as trocas de palavras, os sonhos, ele construiu a psicanálise. Foi dando atenção ao equívoco e ao inusitado que neles encontrou o indício de que existe, no homem, uma comunicação que se subordina a outra ordem.

A psicanálise provocou desconcertos na comunidade científica da época, ao abalar as convicções do século das luzes e sua defesa da racionalidade humana. Com ela, o homem racional e unitário deu lugar ao homem fendido do inconsciente.

Uma investigação que já fora empreendida por Franz Brentano, professor na Universidade de Viena, e que intrigara Freud com o pressuposto de uma “consciência inconsciente” atuando no psiquismo. Mas o espanto do discípulo o fez ir além de seu mestre. A partir dele,

o inconsciente conquistou o estatuto de alteridade, com leis e lógica próprias – uma noção que, para certa surpresa nossa, ainda hoje desconcerta setores do conhecimento científico.

Exercemos a psicanálise cotidianamente nos consultórios. Em nossa prática clínica, confrontamos a alteridade do inconsciente em nós mesmos e na relação com o paciente, que chega com suas questões e com sua proposta transferencial. Como o encontro com o outro é traumático, em algum momento algo desconcertante quebra nossas certezas, ainda que ínfimas; destrói nossa sensação de êxito, ainda que momentânea; e estimula a nossa criatividade.

São situações imprevistas que deixam o analista desconcertado: um engano, uma provocação, uma quebra de *setting*; pode ser um sobressalto que excede a sua possibilidade de representação, ou o impacto da surpresa, do estranho que surge no familiar das sessões com determinado paciente; algo que o leve a agir – por vezes, um *acting out*; ou o analista age guiado por um pensamento não pensado, que só pode ser organizado *a posteriori*, muitas vezes depois da conversa com um colega, ou talvez de uma supervisão. Do que ele, realmente, lançou mão? Qual foi o recurso por ele utilizado?

Qualquer analista já viveu algumas situações desse tipo. São aquelas que não se aquietam; voltam à lembrança recorrentemente, pois o espanto que elas causam produz uma memória que permanece incômoda (um fracasso?), que exige alguma elaboração, que nos convida a ir além do estabelecido, criando novas combinações, como nas palavras de Freud. São oportunidades para a reflexão e a teorização psicanalítica sobre as quais vale a pena escrever.

De fato, na visão aristotélica, a origem e a evolução do pensamento (e, portanto, da filosofia) dão-se a partir do espanto, momento no qual aquilo que era evidente torna-se

inédito e incompreensível. O sentido da perplexidade leva à suspensão de certezas, incita o querer conhecer, exige uma reorganização do saber. Aqui o analista é aparentado do filósofo, pois, como diz Kristeva (2000), é fundamental a qualquer psicanalista em seu exercício a experiência de uma surpresa desconhecida e a posterior compreensão desse choque.

Afinal, como afirma Roussillon (2006), a pragmática da intervenção do analista é de suma importância no curso de uma situa-

ção-limite. As condições de analisabilidade para qualquer análise dependem da dinâmica transferencial/contratransferencial, mas principalmente dependem das concepções técnicas do analista, ou de sua teoria da prática – que muitas vezes é posta em xeque.

Fica aqui nosso convite para essa reflexão, pelas palavras dos colaboradores deste número.

Silvana Rea
Editora

Referências

- Caparrós, N. (Ed.). (1997). *Correspondencia de Sigmund Freud* (N. Caparrós, Trad., Vol. 1). Madrid: Biblioteca Nueva.
- Freud, S. (1969). Prefácio à tradução das *Conferências sobre as doenças do sistema nervoso*, de Charcot. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad., Vol.

1, pp. 51-56). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1886)

Kristeva, J. (2000). *Sentido e contrassenso da revolta* (A. M. Scherer, Trad.). Rio de Janeiro: Rocco.

Roussillon, R. (2006). *Paradoxos e situações limites em psicanálise* (P. Neves, Trad.). São Leopoldo: Unisinos.